ENTRE AS AFETIVIDADES E AS MATERIALIDADES DA COSTURA

BETWEEN THE AFFECTIONS AND THE MATERIALITY OF THE SEWING

Eliane Maria Chaud
Faculdade de Artes Visuais/Universidade Federal de Goiás, Brasil
elianechaud@gmail.com

Resumo
O texto aborda o processo artístico desenvolvido entre superfícies, tecidos e moldes; entre fios que se enroscam e embaraçam; entre costuras e bordados, fazeres, tridimensionalidades, materialidades, em um universo de delicadeza e afetividade. Apresenta passagens históricas para a compreensão das relações da mulher com algumas atividades ditas "femininas" e discorre sobre a importância das artes têxteis como motivadora inicial da minha prática artística, disciplina que é tecnicamente exigente, pois envolve técnicas milenares, e ao mesmo tempo faz aproximações com os trabalhos de artistas contemporâneos. Trata de questões particulares e afetivas, de materialidades da costura e do desenvolvimento de poéticas compartilhadas, conhecendo diferentes modos do fazer costura, segundo uma compreensão mais ampliada do termo "costuras poéticas".

Palavras-chave: processo de criação; poética visual; artes têxteis.

Abstract
The text approaches text the artistic process developed among surfaces, fabric and molds, between wires that tangling making nodes and points in the sewing and in the embroidery, tridimensionalities and materialities of a universe of delicacy and affectivity. The historic moments were presented to understanding the relationship of woman with some activities called female and treat about the importance of Textile Arts how initial motivation of my artistic practice, subject that is technically demanding, because it envolve milenar technics and make approximations with the jobs of contemporaneous artists. It deal with particular and affective questions, of the materialities of the sewing and about the development of shared poetics, knowing different ways of made sewing in a expanded view of the poetics sew.

Keywords: creation; process; visual poetics; textile arts.

Introdução

Neste artigo abordo a prática artística desenvolvida entre superfícies, tecidos e moldes; entre fios que se enroscam e embaraçam, que formam nós e pontos; entre costuras e bordados, e que são os assuntos do cotidiano. É nesse contexto que desenvolvo minha prática artística e venho construindo trabalhos nos quais mesclo a costura, o bordado, as tridimensionalidades e as materialidades de fazeres de um universo de delicadeza e afetividade. Para apresentar o processo de criação que tenho desenvolvido, apresento inicialmente passagens históricas sobre a mulher e as atividades ditas "femininas" e em seguida trato das relações que estabeleço com as artes têxteis, para então discutir meu processo de criação artística, que caminha por entre as afetividades e as materialidades da costura.

CHAUD, E. M. Entre as afetividades e as materialidades da costura. In: II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2018, Goiânia. **Anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual.** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018. p. 320 - 331.

Anteriormente ao uso dos materiais relacionados ao bordado e à costura, desenvolvi meu processo artístico por meio de técnicas de cestaria e superfícies construídas com papel, arames e tecidos. No decorrer do tempo, houve gradativamente uma modificação quanto aos meus interesses de investigação, pois a proximidade com os materiais já se apresentava na construção das tramas e urdiduras, porém, ainda não haviam sido estabelecidas as questões poéticas e afetivas. Por isso, apresentei neste artigo alguns trabalhos em trama, para compreender a passagem da construção matérica para uma conceituação poética na prática artística.

Ao desenvolver uma compreensão mais abrangente do ato de costurar e das relações nos âmbitos da arte e da vida, percebi uma dimensão sensível, o que me permitiu ampliar o pensamento artístico e também refletir sobre as proximidades e conexões que possuíam com o fazer feminino e as artes têxteis.

A mulher e as prendas domésticas

Mais do que um trabalho doméstico ou uma atividade de geração de renda, a costura é uma prática cotidiana para muitas mulheres e que pode ser compreendida como prática cultural e espaço para a inventividade e a criação. A construção de artefatos que envolvem o tecido e ou a tecelagem vem sendo desenvolvida por homens e mulheres há séculos em diferentes culturas, tanto no Brasil como em outros países. Mas uma visão um tanto machista tem prevalecido e concorrido para que essas atividades sejam entendidas como uma característica própria da feminilidade, uma vez que a mulher exerce o papel de mãe e esposa e também desenvolve as chamadas "prendas domésticas", que incluem a costura e o bordado.

A visão dos limites da divisão sexual do trabalho e do espaço social da racionalidade do século XIX foi apresentada no texto "As mulheres e o silêncio da história", por um delegado operário na Exposição Universal de Arte e Indústria de Paris de 1867, que disse: "O destino da mulher é a família e a costura [...]. Ao homem, a madeira e os metais, à mulher a família e os tecidos" (apud PERROT, 2005, p. 171). No Brasil do século XIX, em outro contexto, portanto, também havia essa mesma compreensão das atividades femininas, conforme expresso por Falci (2009, p. 249):

> As mulheres de classe mais abastada não tinham muitas atividades fora do lar. Eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas "prendas domésticas" – orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar. Outras, menos afortunadas, viúvas ou de elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjos de flores [...] e assim puderam ajudar no sustento e na educação da prole. Entretanto, essas atividades, além de não serem valorizadas, não eram muito bem-vistas socialmente [...] pois acusavam a incapacidade do homem da casa [...]. Na época, era voz comum que a mulher não precisava, e não deveria, ganhar dinheiro.

Então, dependendo da classe social, havia diferentes intenções em relação à aprendizagem. Dessa maneira, nas famílias mais abastadas a atividade se dava apenas como ocupação das jovens nas horas vagas, enquanto nas famílias mais modestas o desenvolvimento das habilidades com costura e bordado poderia ajudá-las como auxílio nas despesas domésticas.

Infelizmente até hoje ~~algumas~~ muitas pessoas ainda acreditam que a mulher é capacitada biologicamente para desempenhar as funções próprias da esfera da vida privada, representando os papéis de mãe, esposa e dona de casa. Não por outro motivo foi-lhe atribuída a denominação "rainha do lar", dadas as atividades que desenvolve no espaço doméstico. Esse estereótipo já estava presente nas páginas dos almanaques e manuais de boas maneiras do século passado, que "ensinavam" à mulher os seus deveres e obrigações. Entre esses manuais, pode-se citar a *A Revista Feminina,* publicação do início do século XX que trazia orientações para que as mulheres costurassem para os membros de sua família, ajudando assim nas despesas domésticas, visto que costurar era uma ocupação feminina (apud MALUF; MOTT, 1998).

Sobre os anos 1950, Bassanezi (2009) comenta que a mulher herdou do pensamento então dominante a atribuição de ser dona de casa, esposa e mãe:

> A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas da feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. A mulher que não seguisse seus caminhos estaria indo contra a natureza [...]. Assim, desde criança, a menina deveria ser educada para ser boa mãe e dona de casa exemplar. As prendas domésticas eram consideradas imprescindíveis no currículo de qualquer moça que desejasse se casar. (p. 609-610)

No contexto do trabalho no ambiente doméstico, Guimarães (2015) observou em relação às técnicas:

> O uso dessas técnicas e sua propagação como um trabalho essencialmente feminino e doméstico sofreram inúmeras adaptações, permitindo a permanência e utilização do ofício, acompanhando o contexto social em que as mulheres estavam inseridas em cada momento histórico. (p. 4.070)

Algumas dessas práticas ainda estão arraigadas na cultura brasileira, tendo-as vivido em minha casa. Minha mãe exerceu esse papel de "rainha do lar", cuidando da família, da casa, além de ajudar nas despesas domésticas com o trabalho de costura.

Artes têxteis e suas contribuições

A arte têxtil é um tipo de categoria artística que no Brasil ainda é pouco discutida. Porém, foram os ensinamentos das técnicas de tecelagens, cestarias e tramas ministrados pela professora/artista Shirley Paes Leme que despertaram meu interesse pela temática durante a

minha graduação na Universidade Federal de Uberlândia (Minas Gerais – Brasil). No ano de 1990, quando cursava a disciplina "Artes Têxteis", iniciei a exploração na área. Foi quando conheci a obra de artistas como Magdalena Abakanowicz (Polônia), Jgoda Buic (Ioguslávia) e Sheila Hicks (USA), artistas que na década de 1970 desenvolveram uma importante produção relacionada às artes têxteis. O conhecimento dos trabalhos dessas artistas, por meio de livros, trouxe aspectos que me interessavam sobre a possibilidade de construções escultóricas com materiais diferentes dos tradicionais e também para as ocupações espaciais propostas nos trabalhos.

No Brasil, as artes têxteis não estão no topo dos estudos acadêmicos, apesar de existir uma grande produção artesanal de tecelagem e cestaria proveniente da arte indígena ou trazida pelos portugueses, com a inserção de teares e o desenvolvimento de rendas. Muitos artistas, porém, desenvolvem algumas questões processuais, trazendo para seus trabalhos as ações do bordado e da costura, entre outras práticas, e muitas vezes não utilizando a denominação artes têxteis.

De acordo com Chiarelli (1999), a produção de alguns artistas brasileiros está relacionada com uma lógica pré-industrial, a uma inteligência artesanal. Conforme o autor, ações como tramar, amarrar e costurar são apresentadas em trabalhos desenvolvidos entre as décadas de 1980 e 1990 por artistas como Edith Derdyk, Efrain Almeida, Leda Catunda, Leonilson, Lia Menna Barreto, Luiz Hermano, Maria Clara Fernandes e Shirley Paes Leme. Foi nessas décadas que iniciei meu contato com o universo das artes e minha formação acadêmica.

Em artigo no qual trata da obra de Regina Graz, Simioni (2007) pontua que houve uma desvalorização das obras de artes têxteis por estarem elas associadas a manufaturas e meios "naturalmente" femininos, acentuando ainda que nas décadas de 1920 a 1940 as artes aplicadas eram incomuns no Brasil. Nesse contexto, a autora afirma que o valor da obra de Graz foi colocado em segundo plano, por conta da exclusão das mulheres do campo artístico e à associação de sua arte às prendas domésticas, consideradas por alguns como artes inferiores por estarem associadas ao artesanato, como trabalho manual inferior ao trabalho e ao pensamento intelectual. Simioni (2007) ressalta, todavia, que a arte têxtil é uma linguagem artística muito importante para se permitir que ela não seja tão percebida e discutida no âmbito acadêmico e advoga que lhe seja dado o devido reconhecimento.

Como artista, o meu fascínio pela arte têxtil deve-se à disciplina e à aplicação de técnicas exigentes, que são milenares em suas práticas e envolvem materiais atraentes pela plasticidade e maleabilidade. Tenho experimentado e experienciado uma riqueza de temas e expressões, uma forma de arte que tem estado em desenvolvimento constante.

Atualmente outros artistas têxteis utilizam os mais variados tipos de materiais e técnicas, e por isso as fronteiras que separam a arte têxtil da arte visual tornam-se cada vez mais fluidas. Ao visualizar um catálogo da exposição Soft Monuments, no museu Kode em Bergen, Noruega, (http://kodebergen.no/en/exhibitions/soft-monuments), percebi a diversidade

da produção artística, e entre os artistas que participavam da mostra podem ser citados os noruegueses Gittes Magnus, Gunvor Nervold Antonse e Hanne Friis.

Destaco a seguir (Figura 1) alguns trabalhos que desenvolvi a partir da técnica de cestaria, com papel, arame, tecido e tela metálica, em que a trama produziu volumes e significados, técnica que guarda relações com a arte indígena e que foi ressignificada.

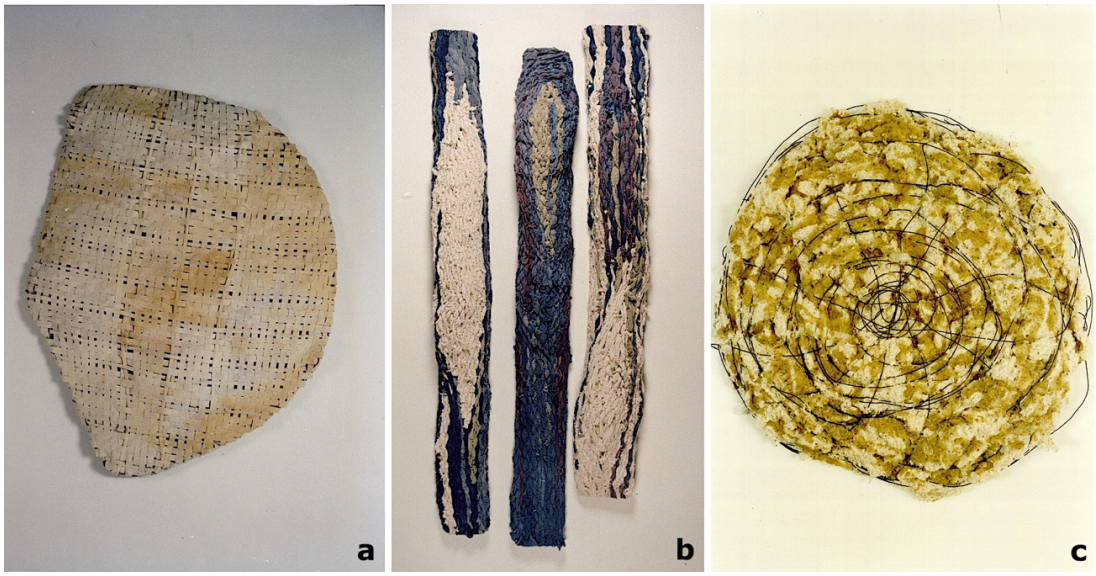

Figura 1: Trabalhos artísticos com trama. **a)** *Escudos,*1994. Trama papel, arame e armação de ferro. Dimensão: 120x100 cm. **b)** *Metamorfose*, 1994. Trama tecido, arame e armação de ferro. Dimensão: 150x25x12 cm. **c)** *da série Sólidos,* 1998. Trama arame recozido, algodão e parafina. Dimensão: Ø 63 cm. Fotografias: Eliane Chaud.

O tramar foi se modificando, deixando de utilizar os padrões da técnica para garantir uma maior liberdade quanto ao itinerário a ser seguido pelo fio, em uma outra ordenação de estrutura e com apenas a pretensão de construções de formas orgânicas. Assim, as questões relacionadas às artes têxteis, tais como a materialidade, a maleabilidade de materiais, tais como fios e tecidos, os modos de fazer e a utilização de agulha e tesoura, direcionaram o meu interesse pela trama, pelo traçado, pela costura e pelo bordado. No desenvolvimento dos meus trabalhos, procuro compreender as significâncias dessas técnicas, atividades que fizeram parte do meu ambiente familiar, para propor outras possibilidades artísticas construtivas.

Entre bordados e linhas

A necessidade de retorno a uma produção artística particular fez com que buscasse essas materialidades e fizesse uma reflexão sobre as várias questões que me interessam como investigação artística realizando uma série que denominei "Estudos: para pensar composição, cor, volume e outros". Nesse processo, busquei inicialmente materiais próximos e afetivos para o desenvolvimento das obras. Linhas, agulhas e tecidos abriram e recuperaram questões do processo artístico que se encontrava em latência, aguardando o tempo de retomada de reavivamento.

Paralelamente a esses pensamentos, a produção artística foi se estruturando em uma elaboração organizadora, enquanto a compreensão de alguns elementos visuais, tais como composição, cor e volume, contribuíram para o retorno à investigação particular e para estabelecer proximidades com a compreensão de Guimarães (2015, p. 4073), quando afirma: "A bordadura torna-se uma linguagem de experiências, de afeto, de vínculo e de liberdade."

As imagens de meus trabalhos estão na Figura 2, à qual se segue uma poesia também de minha autoria que trata dessas reflexões, pensamentos e significâncias do avesso, dos nós, do verso e do reverso.

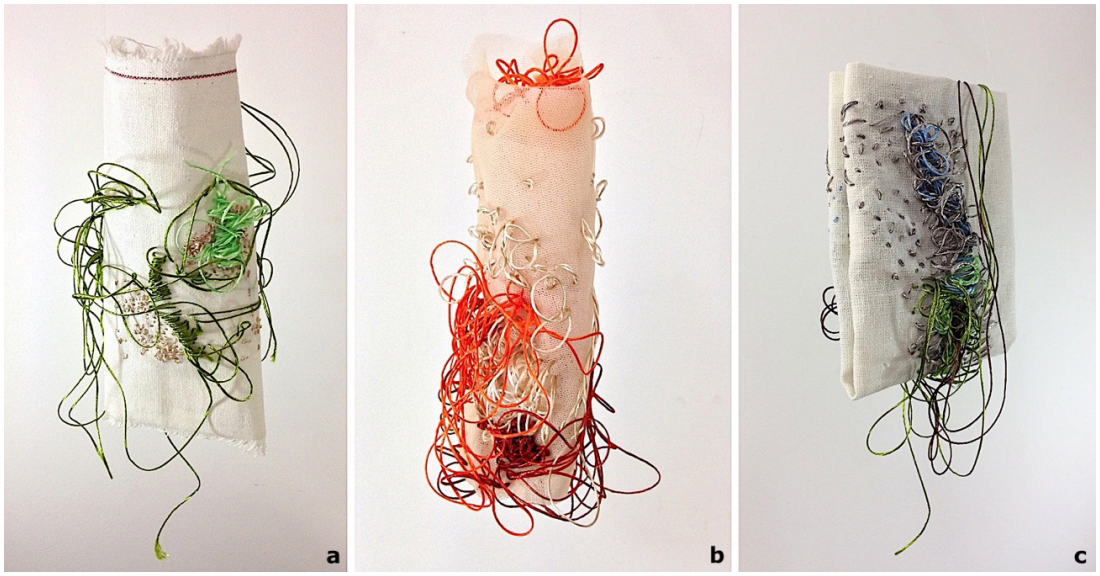

Figura 2: Trabalhos da série "Estudos: para pensar composição, cor, volume e outros". **a)** *Estudo II,* 2017. Bordado, tecido e linha de viscose. Dimensão: 19x5x2,5 cm. **b)** *Estudo IV*, 2017. Bordado, tecido e linha de viscose. Dimensão: 18x6,5x4cm. **c)** *Estudo V*, 2017. Bordado, tecido e linha de viscose. Dimensão: 16x9,5x2,5 cm. Fotografias: Eliane Chaud.

Nunca fiz avesso perfeito,
Gosto do nó, do fio que enrosca,
Da linha que embaraça e solta.
E o avesso passa à superfície,
Na superfície.
Ao mesmo tempo, outro avesso se constrói,
E nem tudo se apresenta.
Opostos congruentes,
Adequações ao que se propõe,
Entremeios, entre superfícies,
Lugares de existência.
Verso, reverso.
O que está para ser,
Como se fosse um avesso,
E quanto há no avesso?
O que há no avesso?
Qual é o avesso?
Verso, reverso.
(CHAUD, 2017)

Retorno à costura ... Voltei a sonhar...

Enquanto no bordado meu interesse está principalmente relacionado com as materialidades, as superfícies, as camadas e as volumetrias que essa técnica me instiga, na costura ele está mais diretamente voltado para o processo do fazer, para a construção e as ações que a envolvem, tais como o desenhar, o mediar, o riscar, o cortar, o construir, o provar e o vestir.

Em 2003, iniciei a investigação artística a partir de minha experiência na costura com os fazeres de minha mãe costureira. Nesse universo, a caderneta da costureira e os moldes sempre despertaram o interesse imagético pelas anotações e pelo arquivo de informações que eles contêm, como os desenhos de roupas, as medidas dos corpos e os traçados que as constróem. Nesse universo também construí um trabalho chamado "Partitura" (Figura 3), uma instalação em que eram apresentadas imagens de traçados de moldes nas paredes de uma sala fechada, enquanto o som da máquina de costura reverberava no ambiente, despertando em muitos participantes a memória e a afetividade da prática da costura.

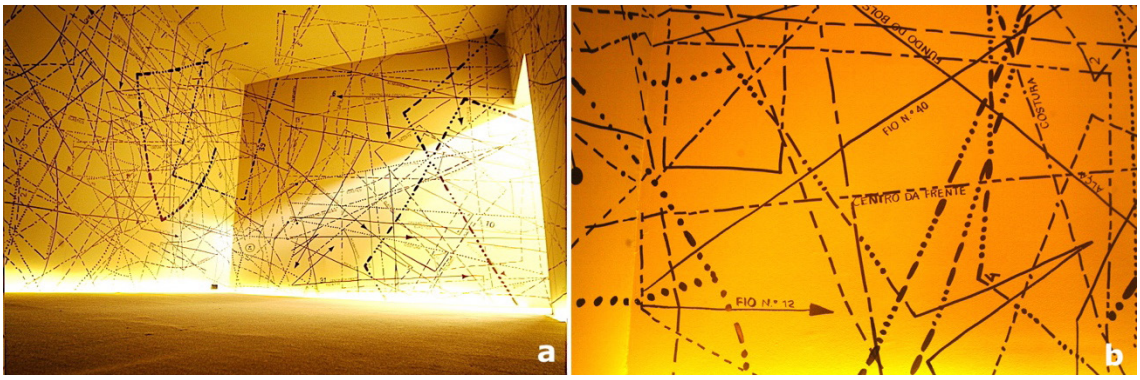

Figura 3: Imagens da Instalação. **a)** *Partitura*, 2003. Instalação: Desenho com pincel atômico, som ambiente de máquina de costura. Dimensão: variável, aproximadamente 10 m2. **b)** Detalhe da instalação. Fotografias: Silvio Quirino.

Posteriormente ao desenvolvimento de trabalhos relacionados com construções e apropriações de elementos e objetos da costura, minha dimensão poética passou a se relacionar com o princípio costura-arte-vida, com trocas de vivências. O interesse por essa temática trouxe-me a necessidade de sair da particularidade para compreender a costura em outros contextos. Então, parti para a investigação da costura como experiência cotidiana de costureiras de Cruz das Almas – BA e do desenvolvimento de uma poética compartilhada, artística e coletiva em que o fazer artístico tem a intenção de trocar e de estar junto.

A partir do princípio costura-arte-vida e refletindo sobre as ações desse fazer, o desenhar, o mediar, o riscar, o cortar, o construir, o provar e o vestir tornaram-se importantes nas instâncias de meu pensamento artístico, pois passaram a colaborar para a minha compreensão e percepção da dimensão poética dos trabalhos, tendo em vista que o processo de criação acontece entre imagens, sentidos e significâncias.

Rangel (2009) entende essas compreensões como o "método" com o qual o artista torna visível e comunicável a sua poética, princípio que é diferente de um conceito. "Um conceito pré-existe, é modelante do objeto, geralmente aplicado como didática de anexação. Um princípio opera por uma didática estética, de reconhecimento, aproximação, pulsão, desejo, compreensão, invenção" (p. 3). Esse seu pensamento pode ser relacionado com o que afirmam Bourgeois, Bernadac e Obrist (2000, p. 15):

> As palavras de um artista devem ser entendidas sempre com cuidado... O artista que discute o suposto 'significado' de seu trabalho está, normalmente, descrevendo a faceta literária de seu tema. O âmago de seu impulso original deve ser encontrado, caso exista, em seu próprio trabalho. Assim, o artista deve dizer o que sente...

Com base na elaboração do princípio costura-arte-vida, passei a nortear as ações para uma compreensão ampliada do fazer artístico e o fazer de um trabalho de arte têxtil, como mostra o Quadro a seguir.

Ao estruturar esse princípio de possíveis relações das ações da costura em diferentes esferas, houve uma percepção desses atos em uma dimensão sensível. Considerando as ações como propícias a conexões, criou-se nos âmbitos da arte e vida uma abrangência para o pensamento artístico, o que possibilitou o desenvolvimento de proposições mais ampliadas, de poéticas compartilhadas.

AÇÃO	COSTURA	ARTE	VIDA
desenhar	Desenho, meio de comunicação da costureira com a cliente. Pelo desenho, a costureira esboça o modelo e codifica a roupa a ser feita.	Meio expressivo de comunicação e de possibilidades criativas.	Quando desenho, eu planejo, projeto algo.
medir	Medir o corpo e transferir as medidas para o papel e o tecido. Determinar as dimensões do corpo por meio da fita métrica	Medir – tamanho Importância da dimensão do objeto. Qual a minha intenção com o objeto artístico a ser produzido? Algo íntimo, reservado, ou uma relação de amplitude e exterioridade?	O medir acontece no momento em que percebo as possibilidades de viabilização do que projetei.

Riscar	Traçar o molde, a configuração da roupa que se quer desenvolver a partir das medidas do corpo.	Esboçar, fazer o croqui do objeto artístico, a ideia inicial.	Riscar, traçar aquilo que penso ser viável para a realização de um projeto. Quando risco, posso marcar aquilo que considero importante, dar ênfase, ou excluir o que for insignificante, inoportuno.
Cortar	Dividir em partes o tecido seguindo os contornos dos moldes ou o modelo preconcebido diretamente no tecido.	Selecionar partes de um todo, de imagens, de formas ou assuntos que interessem.	Retirar o que é importante, necessário, daquilo que não é preciso. Separar para destacar. O corte não tem volta, é um ato incisivo.
construir	Unir peças, combinando partes diferentes para formar a roupa. O construir se dá pelo costurar. Costurar – juntar por meio de pontos feitos com agulha e qualquer tipo de linha ou fio.	Construção - pode-se pensar tanto bidimensionalmente quanto tridimensionalmente os processos construtivos. Entre algumas possibilidades, têm-se a justaposição, a aglutinação e a sobreposição dando forma e estrutura aos elementos visuais ou materiais. Penso em costurar como processo, no intuito de reunir elementos, ideias, pensamentos e criar algo inusitado.	T ornar sonhos e desejos realizáveis possíveis. Estruturar. Costuro quando uno coisas.
provar	**Provar** - experimentar a roupa e adequá-la ao corpo	Prova – a finalização do trabalho, o olhar atento para os últimos detalhes. Verificar estado, qualidade.	Experimentar “as coisas” e assim saber, realmente, o que quero, se gosto, o que continua, o que muda.
vestir	**Vestir** - uso da roupa (proteção, sedução e conforto)	Exibir, mostrar a produção artística. Seduzir o outro, proteger meus ideais.	Colocar em ação aquilo que desejo.

Quadro 1: Construção do princípio: costura-arte-vida
Fonte: elaborado pela autora.

Dessa maneira, partindo das relações entre práticas, materialidades, espiritualidades, desejos e sentimentos, cheguei até à afirmação de Pareyson (2001, p. 154-156) de que, na arte, a espiritualidade deve ser percebida também no seu aspecto físico, procurando encontrar a convergência entre espiritualidade e fisicidade, o fazer arte compreendendo uma consistência física e uma realidade sensível, ou seja, fazer falar com sentidos espirituais o seu próprio aspecto sensível.

Para dar continuidade à minha prática artística, o retorno ao particular fez-se necessário, pois percebi que as compreensões intimistas e o desenvolvimento de trabalhos são

elementos apoiadores para estabelecer relações, visto ser por meio da arte que se consegue tocar o outro e estimular o fazer e o pensar arte. Salles (2006) considera a criação artística como um sistema complexo, próprio de um tempo sensível e intelectual, e a obra em criação, como um sistema aberto: "Nesse sentido, as interações envolvem também as relações entre espaço e tempo social e individual, em outras palavras, envolvem as relações do artista com a cultura, na qual está inserido e com aquelas que ele sai em busca" (p. 32).

Assim, retomei os moldes e as partes de peças de roupa na série "Voltei a sonhar", trazendo alguns questionamentos que podem ser interpretados como um "acidente entremeios", que foi provocado, modificado e redesenhado como ressignificações da costura e da roupa (Figura 4). Nessa proposta, houve um interesse por uma parte da roupa, a manga, que sofreu alterações em seu formato, para em seguida ser costurada e ornamentada, com o intuito de se obter novas significações, experimentações e possibilidades construtivas.

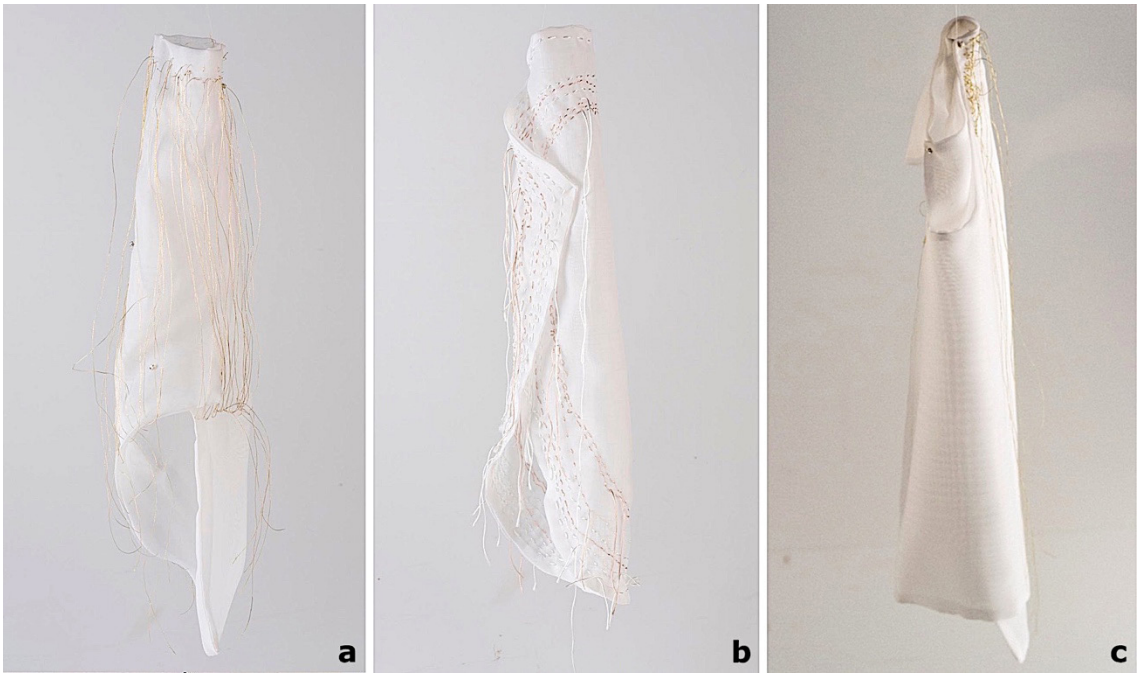

Figura 4: Imagens dos trabalhos da série "Voltei a Sonhar". **a)b)c)***Da série Voltei a sonhar I, II e III*. Tecido *voil* e linhas de viscose e fio metalizado. Dimensão : variável, aproximadamente 30cm.
Fotografias: Carlos Monaretta.

Considerações finais

Durante o desenvolvimento deste texto, uma questão que me intrigou foi a relação das artes têxteis com a arte contemporânea, os possíveis distanciamentos e proximidades entre os conceitos e significâncias de cada uma delas. Desse modo, me indago: como acontecem as artes têxteis em minha produção? Procuro então compreender os campos de conhecimento que são atravessados pela arte contemporânea em relação à minha prática artística e assim percebo os pontos de contato que mantém com as artes têxteis.

Nesse momento, a importância do fazer e da construção de uma peça, além do retorno ao trabalho manual, fizeram-se necessários, pois a afetividade pelo gesto de bordar e costurar é algo que estrutura meu pensamento e me conduz a proposições artísticas. São técnicas e processos que me sensibilizam, como se fossem um *affaire* em uma relação de trabalho especial e particular. Afeto que me toma de emoções e sentimentos e me coloca como alguém que procura, deseja e aspira alguma coisa. Nas materialidades dos universos do bordado e da costura, busco apresentar essas afetividades por meio das fabricações e dos acidentes aqui narrados e que aproximam e fundamentam o meu processo artístico.

Referências

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2009. p. 607-639.

BOURGEOIS, Louise; BERNADAC, Marie-Laure; OBRIST, Hans-Ulrich. **Louise Bourgeois:** Destruição do Pai, Reconstrução do Pai. Tradução: Álvaro Machado, Luiz Roberto Mendes Gonçalves. São Paulo: Cosac Naify, 2000. 384 p.

CHIARELLI, Tadeu. **Arte Internacional Brasileira.** São Paulo: Lemos Editorial, 1999. p. 311.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, Mary (Org). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2009. p. 241- 277.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, N. (org). **História da vida privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, Vol. 3, 1998.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética.** Tradução: Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 246 p.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história.** Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005. 520 p.

RANGEL, Sonia. L. **Olho desarmado:** objeto poético e trajeto criativo. Salvador: Solisluna Design Editora, 2009. 132 p.

SALLES, Cecília A. **Redes da criação:** construção da obra de arte. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2006. 176 p.

Documentos eletrônicos

GUIMARÃES, Mariana. Bordadura como linguagem de experiências, afeto, vínculo e liberdade. 24º ENCONTRO DA ANPAP. **Anais Compartilhamento na arte: redes e conexões.** Santa Maria, RS, 22 a 26 de setembro de 2015, p. 4067-4082. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s12/mariana_guimaraes.pdf> Acesso em: 06/08/2018.

RANGEL, Sonia. **Processos de Criação:** Atividade de Fronteira. Territórios e Fronteiras da Cena. São Paulo: CAC-ECA-USP, dezembro, 2006. p. 01-06. Disponível em: <http://kinokaos.net/tfc/geral20061/index.htm> Acesso em: 28/07/2018.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Regina Gomide Graz: modernismo, art têxtil e relações de genêro no Brasil. **Revista do IEB,** n. 45, p. 87-106 , setembro, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34583>. Acesso em: 29/07/2018.

Minicurrículo

Eliane Maria Chaud
Doutora em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia. Professora da Universidade Federal de Goiás, atuando nos cursos de graduação em Artes Visuais. Em suas pesquisas, trabalha principalmente com os seguintes temas: processos criativos em práticas artísticas contemporâneas, bordado-costura- arte, poéticas compartilhadas e proposições artísticas em comunidades.